

2845

D

POESIAS

DE

JAYME AUGUSTO DE CASTRO



RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO

69, rua do Ouvidor, 69

PARIS

A. DURAND E PEDONE LAURILL, EDITORES

9, RUA CUJAS, 9

—
1871

2-2-

POESIAS

CHAUMONT. — TYPOGRAPHIA G. CAVANIOL.

POESIAS

DE

JAYME AUGUSTO DE CASTRO



PARIS

A. DURAND E PEDONE LAURIEL, EDITORES

9, RUE GUJAS, 9

—
1871

AO LEITOR

Quando em 1857 enchia algumas folhas de papel de pequenas linhas á que dava o nome de versos, não me passava pela imaginação, que, treze annos depois, ellas veriam a luz da publicidade.

Baldo de conhecimentos litterarios, escrevia por escrever, contentando-me com mostrar minhas pequenas composições á um ou outro companheiro de meus vinte annos, que as applaudia, não sei se para acoroçoar-me.

Mais tarde reunindo essas puerilidades á alguns outros trabalhos, cheguei á formar este pequeno volume.

Entretendo-me nas horas vagas em folheal-o, retocando-o aqui e alli, como melhor entendia, cheguei a achal-o soffrivel.

Bem ou mal organizado, assim o mostrei á alguns amigos, que me animaram á publical-o.

Vacillei á principio sobre o que deveria fazer ; porque, atirar meus versos ao encontro, talvez, de uma critica rigorosa, era temeridade. Lembrando-me, porem, como o leitor conhecerá, que o meu pequeno trabalho, á cuja composição mais assistiu a curiosidade do que a arte, deve ter á seu favor a insufficiencia de seu auctor, assentei em deixal-o correr.

Eil-o, portanto, amigo leitor, tal como pude fazel-o ; se não fôr de todo livre de erros, ao menos resta-me a consciencia de que empreguei os recursos de que podia dispôr para conseguil-o.

Barbacena, 11 de Abril de 1870.

JAYME.

Á POESIA

Quanto és bella e suave, quanto és doce,
Celeste inspiração, linguagem de anjo !
Socia do amor, da solidão amiga,
Quão sublime é teu nome, e indefiníveis,
Porção da Divindade, os teus effeitos !
Do triste coração és prompto auxilio,
E da mente risonha activa chamma,
Que lugubres idéas ateando-lhe,
Da tristeza no abysmo vaes fundil-a.
És grande, ó poesia ; em ti se encerra
Quanto nos céus póde existir de grande ;
Na terra quanto deleitar-nos póde ;
E quanto, emfim, a vida nos contrista.
No magestoso códro além te vejo
Sobre a cupola pousada, ó casta virgem ;
Do serro alcantilado tu convidas
O misero mortal á decantar-te.
No verde prado, na florida selva,
Na fonte pura que dos altos montes,
Por entre o verde musgo sussurrando,
De um salto se dispenha em branca espuma,
E pelo valle serpeando foge,
Te vejo triste e só, chamando amores.

Na rosa purpurina que, orvalhada,
Tão risonha se ostenta ao sol nascente,
Cedendo á terra a gota crystalina
Do rócio matutino, eu te devisei
Qual formosa donzella, que se alegra
De ao longe o ente ver que mais adora,
Por quem tão tristes horas consumira,
Limpendo ainda á furto o terno pranto.
Do bronze atroador no som funereo,
Que na campa do morto triste geme,
Triste appareces lamentando a sorte
Que á cada instante espera a humanidade.
Eu te divisei, emfim . . . mas ah ! que digo ? !
Onde tento levar meu pensamento ? ! . . .
A voz não tenho mais que frôxa e rouca,
E um quebrado instrumento que, ferido
Pelo trôpego dedo, em vão se esforça
P'ra dar-te um canto ardente e sonoro.
Não mais, não mais, ó Deusa ! Só conheço
Teu immenso poder . . . e a voz fallece.

Á UMA MENINA

Oh! vem, quero apertar-te com ternura
Ao coração que perturbado anseia....
(EXTR.)

Vem, anjinho, vem saltando,
Vem brincando,
Em meus braços te apoiar ;
Com teus brincos esta vida
Tão sentida
Vem, meu bem, vem adoçar.

Um só teu beijo innocente,
Que me alente,
Vem depôr nos labios meus;
Vem ao meu cóllo apertar-me,
Enlaçar-me
Nos debeis bracinhos teus.

Eu tambem já fui outr'ora,
Como agora
És tu, anjo, no folgar ;
Tudo á meus olhos sorria !
Quem diria
Que tão cedo ia acabar ?!

A crua sorte tyrana,
Deshumana,
Todo o fel do padecer
Derramou sobre esta vida
Tão comprida,
Que já me custa suster !

Vês o meu peito anhelante,
E o semblante
Macerado ? É de soffrer !
Já gozei felicidade,
N'essa idade
Que se vive sem saber !

Só me resta na lembrança
A bonança
D'esse tempo que passou !
D'essa vida toda flores,
E que dores
No presente me legou !

Brinca, pois, encanto d'alma,
Que se acalma
Com teu folguêdo esta dor.
Vem enxugar o meu pranto
Por enquanto,
Imagem viva do amor !

Vem anjinho, vem saltando,
Vem brincando,
Em meus braços te apoiar ;
Com teus brincos esta vida
Tão sentida,
Vem, meu bem, vem adoçar.

ÉTINCELLES DE ADRIEN ROUX

Si tu savais, brune fillette,
Toi qui t'éveilles en riant,
Toi dont la vie est une fête
Qu'illumine un soleil brillant ;

Si tu savais combien mon âme
A bu d'amertume et de fiel,
Combien d'astres remplis de flamme
Se sont éclipsés dans mon ciel ;

Si tu savais qu'aux heures saintes
Où le poète parle à Dieu,
Ma bouche articule des plaintes,
Et mon cœur songe à ton œil bleu ;

Si tu savais que ma jeunesse,
Trop belle encore pour mourir,
Veut croire au bonheur, à l'ivresse,
Et n'a que toi pour refleurir ;

Si tu savais, mon bien suprême,
Combien je pleure chaque jour ;
Si tu savais combien je t'aime,
Et combien est vrai mon amour ;

TRADUÇÇÃO

Ó donzella, que despertas
Entre os gozos da alegria,
Tu que vives n'um festejo
Que um sol brilhante alumia ;

Se soubesses quanto esta alma
De amargura tem libado ;
Quantos astros radiantes
Em meu céu tem se eclipsado ;

Se soubesses que nas horas
Em que o poeta falla á Deus,
Na boca tenho os queixumes,
E na mente os olhos teus ;

Se soubesses que bem moço,
Tenro ainda p'ra morrer,
Ventura tendo á teu lado
Creio só poder viver ;

Se soubesses, bem supremo,
Quanto eu choro cada dia ;
Se soubesses quanto te amo,
Quanto é grande a sympathia ;

Si tu savais que tout mon être
Frissonne quand je puis te voir. . . .
Hélas ! tu donnerais, peut-être,
Au cœur qui souffre un peu d'espoir !

**Se soubesses que meu ser,
Quando te vejo, estremece.....
Ah! uma esperança darias
Ao coração que padece!**

DEVANEIO

Oh ! como bella surge
Pela amplidão azul do firmamento
A lua melancolica
Depois de no horizonte equilibrar-se !
Como languida esparge
Seus frôxos raios sobre a fronte augusta
D'aquelle sacro templo
Que os esguios telhados sobrepuja,
Mostrando altivas torres
Dos annos pela mão ennegrecidas !
D'aqui a mente estatica
N'um vago contemplar gostosa esvae-se.
Que painel magestoso !
Que sitio encantador, Eden terrestre,
D'anjos propria morada !
Duas almas aqui que se amem ternas,
N'uma hora de amores,
Mil annos viverão, sem que do mundo
Lhes perturbe o bulicio.

Vem, ó bella, gozar d'este ar tão puro,
E junto á mim sentada

Contemplar o da noite astro saudoso,
Seus pallidos reverberos
Verás, ó virgem, tremular, brincando
No manso ribeirinho,
Que serpeande vae por este prado.
Verás ahi curvando
Beijar a correnteza que lhe foge
A florzinha mimosa.
E n'esta encosta do vizinho monte
Verás tambem contente
Com que suavidade a dôce briza,
Embalando a folhagem,
Cicia em côro c'ó chiar continuo
De milhares de insectos,
Tão gratas sensações, prazer supremo
Acordando em nossa alma,
E arrebatando-a aos seios do infinito.
Mas ah ! que ora dormindo,
Talvez, quem por ti véla, tu não saibas !
Talvez que nem te lembres
De quem n'este momento aqui suspira
Pela tua presença.
Vem meu amor.. mas não ! talvez que um sonho
Puro como tua alma
N'este instante te prenda entre seus braços.
Teus prazeres angelicos
Turbar não quero : um sacrilegio fôra.
Dorme e sonha, Donzella ;

A noite já se avança ; o ar serena,
As sombras do arvoredo
À seus troncos se chegam : já se occultam.
Do gallo se ouve ao longe
O triste canto despertando os ares :
Em meio vae a noite :
Dorme e sonha, Donzella ; irei sozinho,
Em ti meu pensamento ;
Por ti velando, e confiando á lua
De amor o meu segredo.

VEM

I

Eu quizera comtigo brincando,
Este amargo viver adoçar ;
Contra o seio o teu seio apertando,
Os meus dias contente passar.

Eu quizera imprimir doce bêjo
Em teus labios de puro carmim...
Mas tu coras?!... porque? é de pejo?
Anda... falla, não gostas de mim?

II

Meiga virgem de meus sonhos,
Como és linda assim corada!
O sentir de uma alma pura,
Que tens no rosto estampada,

Mais me encanta, mais me prende
De um amor puro nos laços.
Volve á mim teus lindos olhos ;
Vem occultar-te em meus braços.

Mas... que divizo ! tu choras ?!
Não tem mais belleza a rosa
Molhada do crystalino
Orvalho em manhan formosa !

Não tem mais belleza a fonte
D'uma alta rocha cahindo
Em lindas gôtas brilhantes
De sol a luz reffletindo !

III

Vem, meu bem, d'alma encanto, em meu seio
Teu perfume, teu pranto entornar ;
Vem, de amor vem gozar dôce enleio ;
Por tua alma a minh'alma trocar.

ACROSTICO

Já das portas do occidente
O raio frouxo dourado
Vinha d'ouro refulgente
Inflar as flores do prado :
Ternos, doces passarinhos
Ausentavam-se á seus ninhos.

Eu na relva recostado,
Longe do mundo vaidoso,
Isento de amor, do jugo,
Zombava do fado iroso.
(Ah! tempo feliz, passado !)
Bem depressa o peito illéo
Escaldou-me um raio ardente ;
Tento fugir... estou prêso !...
Hontem livre, hoje algemado !....

Reconheci que meu peito
Estranha força opprimia.
N'um momento, ah ! conhecia
A causa de minha dor :
Uma donzella a mais pura,
Lucido astro de candura,
Travava as settas de amor.

ÉS DE VENUS A RIVAL

És no mundo a flor primeira,
A formosa sem igual ;
És o typo da belleza,
És de Venus a rival.

No de amor imperio e graças
Tens o sceptro imperial :
Á teus pés tudo se rende,
És de Venus a rival.

De teus olhos tão brilhantes
Um doce, meigo signal,
Abranda o peito mais duro :
És de Venus a rival.

És um anjo vaporoso
Da mansão celestial ;
És estrella fulgurosa ;
És de Venus a rival.

Tua voz argentea e branda
Excede ao dom natural ;
És das bellas a mais bella ;
És de Venus a rival.

O SONHO

Era alta a noite... todos repousavam,
Uma nuvem medonha o negro manto
Desdobrando, cobria o polo immenso,
Deixando apenas perceber-se a lua,
Ora que se occultava inteiramente,
Ora que á furto um raio desmaiado
De luz sinistra arremessava á terra.

Lugubre accento de agoureiro mocho
De altiva torre que mostrava ao longe
A ennegrecida cupola, escapava-se
Á calada soidão de espaço á espaço.

Ao pé de um matagal, em fria lage
Recostado, dos olhos tinha diante
O sublime painel da natureza.
A mente se ufanava remontando-se
Onde milhões de sóes, ora não vistos,
Seu já marcado curso vão seguindo
Da Omnipotencia pela mão segura.

Assim absorto adormeci scismando.
Ligeiro somno apenas minhas palpebras
Cansadas de velar, com nuanso dedo
Cerrava, eis que uma voz em sonho escuto,
Que dizia sentida em tom divino :

« De que me serve esta vida
De tormentos repassada ?!
Antes mil vezes a morte
Do que ser tão desgraçada !

Oh ! meu Deus, p'ra que me déste
Uma tão longa existencia ?!
Minha sorte não previste,
Tu que és sabio por essencia ?

Mas ah! que digo ! a vontade
Que me déste preciosa...
Sim... por mim foi abusada :
Devo ser... sou criminosa!

Entreguei-me como louca
Ao amor mais desregrado !....
Ah ! és tu, és tu, Jarsyme
De minha dor o culpado!

Vem, meu bem, vem dar-me allivio
N'esta febre abrasadora;
Vem, não fujas, não desprezes
Quem com firmeza te adora ! »

De sobresalto acordo ao ouvir meu nome
Com profunda tristeza proferido.
A cabeça levanto ; em torno a vista,
Cuidando a realidade achar, dirijo :
Desespero fatal ! só negras sombras
Do vaivem da folhagem se apresentam.
Por aqui, por alli debalde busco
Esse anjo, essa visão que despertou-me.
O ouvido attento, esperançado, applico
De ouvir inda uma vez a voz queixosa,
E o roçar de um vestido pelos troncos ;
Mas nada ! A noite já mingoava ; e a lua
Se occultára de todo em grossas nuvens,
Que, quaes ondas soberbas no oceano,
Pelo espaço rolavam furibundas.
O horrisono bramar do rijo vento
Entre a basta ramagem me horrorisa,
De piar já cessára o triste môcho ;
E a torre, que mostrava a altiva cupola
Da lua por um raio allumiada,
Já de todo nas trevas se escondera,

.....

O dia succedeu á noite umbrosa ;
E a mente accesa n'um desejo fervido
De ouvir a mesma voz, ou visão bella,
De novo almeja a noite. Ao mesmo sitio
Os meus passos dirijo á ver se encontro
Essa mesma visão, ou realidade.

.....
.....

As horas, mezes, annos se passaram :
Nem doce voz, nem a visão querida,
Nem sonho, ou realidade eu vi mais nunca.

UM ADEUS

Conceição, asylo doce
De minha infancia querida,
Apressa o fado a partida,
Eu me ausento, oh ! justos céus !
 Recebe do triste Bardo
 Um terno e ultimo adeus.

Eu parto, mas a saudade
Conservo na mente grata,
Que á todo o instante retrata
Os doces encantos teus,
 Recebe do triste Bardo
 Um terno e ultimo adeus.

EM UMA CARTA DIRIGIDA

AO SR LUIZ MARIA VIDAL JUNIOR NA SERRA
DO CARAÇA.

Recebe d'esta lyra os sons magoados :
Fal-os-has resôar na rocha alpestre
Dos ermos do Caraça, onde ora habitas,
Cujo écho dirá saudoso e triste
As palavras do amigo que deixaste :
- Sóbe, sóbe a montanha alcantilada ;
Dáhi lançando a vista ao fundo valle,
Ás leves auras sóltas teus gemidos
Envolvidos no som da doce flauta ;
Gemidos que a alma adoçam, que a embriagam
Na esperança do céu, no gôzo eterno
Da presença do Deus que tudo rege.
Quem me déra tambem junto á teu lado,
Ou mesmo só na solidão mais densa,
Viver a vida que viver só deve
O homem pensador, vero philosopho,
Onde o odio, ambição, vaidade e luxo
Não encontram guarida ! Então minh'alma,
Bem longe dos grilhões do mundo insano,

Voaria á depôr aos pés do altissimo
Canções sagradas de uma lyra d'ouro,
Mas ah ! no turbilhão de males tantos
Rouquejo o canto, pulso embalde o plectro,
Porque de um lado o odio, d'outro a inveja,
D'aqui, d'alli atroz vingança, surgem,
Embargando-me a voz, quebrando as cordas,
Deixando apenas perceber-se um echo
Soando ao longe que só Deus é tudo ! »

MOTTE

QUANTO É MAIS DÔCE MORRER!

GLOZA.

Viver sempre despresado,
Sem gozar dôce ventura,
Nutrindo eterna amargura ;
Amar ; nunca ser amado,
É meu destino, é meu fado !
Passar a vida á gemer,
N'um continuo padecer ;
Soffrer continuos rigores,
Despresos e desfavores...
Quanto é mais dôce morrer !

UM CONSELHO

Quanto me punge, Maria,
Ver-te assim tão tenra e bella,
Exposta á negra procella
N'este oceano de amor !

O meu peito se confrange
Ao ver-te n'onda revolta
Navegando á véla solta,
Sem ter das vagas temor !

Ah ! donzella, attende, escuta :
Vês aquella onda orgulhosa,
Como bramindo raivosa
A tudo causa terror ?

Vês aquella outra medonha,
Que vem ao longe rolando,
Como estalla rebentando,
D'esta oppondo-se ao furor ?

Sobre o teu fragil barquinho
Não temes que o Deus irado
Com seu tridente empunhado
Arremesse-as?... Oh ! que horror !!!

Volta a prôa em quanto é tempo :
Vem, procura um porto amigo,
Onde, longe do perigo,
Gozes da vida essa flor.

AO SOBERBO

Ó fragil creatura, ó sombra, ó nada !
Porque no bronzeo peito a vil soberba,
Exterminio da terra tu fomentas ?!
Porque as leis fraternaes tu aquebrantas,
Expostas pela mão da Providencia
P'ra base essencial da sociedade ?!
Porque, só por ser pobre, o irmão desprezas ?!
De um á outro onde existe a differença ?!
Na fidalguia, na riqueza ?... engano !...
Não sois de um mesmo pae accaso filhos ?
Da terra onde nasceste envolto em sedas,
Não nasceu teu irmão, posto que pobre ?
Dirás : « Da terra são o ouro e o ferro,
E a differença vês que de um á outro
Vae na cor, no valor, enfim na estima. »
Ah ! desgraçado, ah ! mis'ro não conheces
Essa mesma existencia que tu gozas !
De que te servem os palacios d'ouro,
Esses tectos dourados que te cobrem,
Senão para accender a flamma ardente
Da ignorancia fatal, da vil soberba ?!
De que serve o dinheiro amontoado,

Pedaços de papel que o vento leva,
Por quem-tu te escravizas, por quem vives ?
De nada. Ao pó da terra a fronte altiva
Abate, ó vil soberbo : a morte é certa :
Teus palacios, riqueza e fidalguia
Ao pó tornar-se-hão contigo, estulto,
Já que do mesmo pó sahistes todos.

DE QUE SERVE SER TÃO BELLA
SE É TYRANNA PARA MIM ?!

Eu adoro uma donzella,
Um portento de belleza !
Mas tem do bronze a dureza,
De que serve ser tão bella ? !
É da tarde a linda estrella,
Tem as faces de setim,
E a boquinha tão mimosa !
Mas p'ra que ser tão formosa
Se é tyranna para mim ? !

LYRA

Cuncta potest igitur, tacito pede lapsa velustas,
Præterquam curas attenuare meas.

(Ovindo.)

Succede ao dia risonho
Triste noite escura e feia ;
Succede á noite medonha
A aurora de graças cheia.

Só a saudade
Que eu alimento
Não muda a sorte
Um só momento.

Despe o Inverno do arvoredó
A folha que o revestia,
Vem a linda Primavera
Trazer-me a doce alegria.

Só a saudade
Que eu alimento
Não muda a sorte
Um só momento.

Desce o orvalho matutino
Sobre a folha emmurchecida ;
Eil-a que, raiando o sol,
Se mostra cheia de vida.

Só a saudade
Que eu alimento
Não muda a sorte
Um só momento.

Aos raios do sol ardente
Exposto o pobre cultor
Mitiga o duro trabalho
Com suas canções de amor.

Só a saudade
Que eu alimento
Não muda a sorte
Um só momento.

Gasta o tempo a dura pedra.
Se c'o tempo tudo cresce,
Por sabia lei do universo
C'o tempo tudo fenece.

Só a saudade
Que eu alimento
Não muda a sorte
Um só momento.

AO AUCTOR DE UMA LYRA

DEDICADA A UMA BARBACENENSE.

Eu quizéra elevar-te em verso heroico,
Ó sublime cantor, exímio poeta;
Fazer chegar á geração vindoura
Teu nome veneravel.

Eu quizéra.... porem, novo Gonzaga,
A minha intelligencia assaz mesquinha,
Offuscada, se acanha, pelo brilho
De teu raro talento.

Outro que a musa invoque abalisado,
Em seus sublimes cantos te eternise,
E nas azas da gloria assente o throno,
Que o porvir te prepara ;

Que, se eu fosse cantar-te, offuscaria
Os raios scintillantes de teu éstro ;
E a corôa de louro que te espera,
Talvez que emmurchecesse.

Eia, segue a carreira gloriosa.
No templo da memoria altivo sempre,
Respeitado será teu nome excelso
E invejado talento.

Ã....

És tão formosa e tão bella,
Como a estrella peregrina,
Precursora matutina
De um bello dia sem veu,
És tão suave e tão meiga,
Como o som de maga lyra,
Que em placida noite expira
Na immensidade do céu.

És tão pura como o lyrio,
Que vacilla c'um só beijo,
Que dá-lhe, no seu adêjo,
O mimoso beija-flór.
És como a rosa tão linda,
Tão linda como a assucena,
Que em manhan' clara e serena
Espalha seu grato odôr.

És a imagem do occidente,
Quando o sol doura os outeiros,

No expirar dos derradeiros
Lampejos de frouxa luz.
És como o canto longinquo
Do lavrador, que n'essa hora,
Á habitação onde móra
Doce fadiga o conduz.

És o anjo, emfim, ó virgem,
Que encerra toda a magia,
Que inspira n'alma a poesia,
Que vem meus sonhos dourar.
És o pharol da esperança
Nas trevas de minha vida,
Que vem guiar a perdida
Barca sem rumo á boiar.

TRADUZIDO DE BURGAIN

Ralado o coração de acerbos tratos,
De trabalho e misérias rodeiado,
Feliz um poeta de escapar aos males,
Tocava sem pezar da vida o termo.

« Oh ! Lisia ! — assim dizia — Ingrata patria !
De meu sangue tengi tuas bandeiras ;
Na lyra celebrei teu feito e gloria ..
O que me deste ? — os ferros, e a miseria. »

É fria e escura a noite. O poeta dorme
Em seu leito de dor. Banhado em pranto
Um escravo sahiu do triste asylo ;

E o só amigo do cantor de Lisia,
Com timidez repete aos transeuntes :
- Esmola p'ra Camões, ó Portuguezes. »

LE SÉJOUR DES CHAMPS EUT TOUJOURS POUR MOI
DES CHARMES; J'AIME A VOIR LES TROUPEAUX....

TRADUCÇÃO.

Foi sempre para mim cheia de encantos
A vida camponeza.
Apraz-me o ver em paz errando o gado
Nas extensas campinas;
Balando a triste ovelha,
Aos tenros cordeirinhos afagando,
Que em torno d'ella brincam;
Grimpando a cabra as escarpadas rochas,
Tosando as tenras plantas que alli crescem,
E que por entre montas reverdejam,
-Ou da rasteira sarça os novos brotos;
Umaz vezes em grupo reunidas,
E outras ao menor ruido dispersas,
D'aqui, d'alli fugindo as lebrês timidas;
Sandando os passarinhos a alva filha
Do dourado Oriente,
Enlevando me todo aos sons divinos
De seus doces concertos,
Ternas lembranças, vagas, melancolicas
Infundindo-me n'alma.
Animaes innocentes !

D'entre vós não ha um, que, a sorte dura
Prevendo, que os humanos lhe preparam,
Se agite com os cuidados
Que o futuro ennuviam.
De seres pensadores recusou-vos
A sabia natureza a qualidade ;
Nem deveis invejal-os :
Vós gozais do presente, sois felizes.
Oh ! sim, apraz-me o ver-vos,
E ver tambem cantando estes pastores
Singelas arias, que nas grutas ermas
Vão despertar um écho ;
E, os braços enlaçados,
Dansando sobre a velva as pastorinhas ;
E esta limpida fonte,
Que infiltrando através de bruta rocha,
E logo apóz correndo em abundancia,
N'um baixo vae depôr sua agua pura ;
Alli é que os rebanhos fatigados,
Fugindo ao sol ardente, se refrescam.

A VOZ DA NATUREZA

De pequena semente ao chão lançada
Tronco robusto de alterosos galhos,
Que ao peso vergam de formosos pomos,
Para os gozos da vida esponte cresce.
Condensados no céu subtis vapores
Em nuvens se transformam prenes de agua,
E em beneficas chuvas se desmancham
A terra sequiosa refrescando.
No seio da floresta, em cujos troncos
Jamais se ouviu do destructor machado
Os compassados golpes,
A vista, o ouvido, o olfato se extasiam.
O vento passa, e as grenhas seculares
Acompanhando com sublime arruido
Milhões de vozes de milhões de seres,
Abaixam-se, sacodem-se, espargindo
Das flores que em festões dos galhos pendem,
Deleitosos perfumes.
Por entre seixos marúlhando corre
Puro regato em curvaturas rapidas.
E a flexivel avenca, os deheis juncos,
Que na fria barranca se enraizam,
Tremem rociados da corrente ao sopro.

A mente extasiada então pergunta :
Que pôde haver maior, mais imponente,
 Mais augusto e sublime ?
Na voz da natureza, que harmonisa
Na mesma confusão de sons diversos,
Deus, escuta-se : Deus auctor de tudo.

A MORTE DE D. M. A. A.

FILHA DO COMMENDADOR JOSÉ BENTO C. DE A.

I

Como a rosa que ha pouco tão bella
Vi murchar, vi perder o odôr,
Marcolina formosa, essa estrella
De seu brilho perdêra o fulgor.

Sim, perdêra, que a morte cruenta
De seus dias o fio cartou !
Mas sua alma tão pura se ausenta
Para o céu d'onde Deus a chamou.

Terno pae, doce irman que a adoravam
Pranto amargo vertiam de dor
Diante o leito em que só repousavam
O silencio da morte, o furor.

Com palavras á custo arrancadas
Da alma acêza no amor paternal,
Proferia estas vozes magoadas
O bom pae concentrado em seu mal :

II

« Será possível, meu Deus,
Que minha filha eu perdesse ?
Que a filha que eu mais amava
O veu da morte escondesse ?

Morte, ó morte, deixa ao menos
Sobre a terra o corpo amado,
Que quero sempre regal-o
Com meu pranto amargurado. »

III

Assim fallou. E no regaço exangue
D'essa filha que amava o rosto occulta.
E entre soluços, expressão pungente.
Do adeus extremo, ahí um ai sepulta.

O sublime do quadro excede a força
Da locução mais forte. O homem conhece,
E, nos embates de emoções tão grandes,
Só fica, o pensamento, e a voz fallece.

**E tu que ainda na manhan da vida
Da morte ao sopro gelido cahiste,
Uma lagrima accita de saudade
Lá na mansão serena onde subiste.**

A PRIMAVERA

Já sopra o vento norte, e ao sul impelle
Em grossos turbilhões a nevoa grossa,
Que o céu toldava do Brazil fecundo,
Alem os cumes das erguidas serras,
Ainda humedecidos,
Despindo o manto da estação brumosa,
Qual polido crystal, á luz resplendem
De um sol vivificante.

E a fonte pura, que do cimo agreste
De fraga em fraga ressaltando geme,
Em grossos flocos de luzente prata
Á terra se desprende.

Aqui é alli os bosques se revestem
De folhas novas, de diversas flores ;
E o prado, o valle, os montes e as collinas,
De um verde avelludado ao gado off'recem
Fresca pastagem com seus novos brotos.
Os bastos laranjaes curvam-se ao peso
De seus douradosfrutos saborosos,
Que se destecem das fragrantas flores
Que a virgem simbolizam.

E entre a escura folhagem esvoaçando

Os passarinhos n'um chilrar contente ;
O terno sabiá no erguido galho,
Desfazendo-se em ondas de harmonia ;
O lindo beija-flor verde-dourado,
Pairando alli c'um segredar continuo,
Roubando á cada flor, que treme, e cede,
 As doçuras de um beijo,
Nos arrancam da terra ebrios de gozo,
Envolta a mente em divinaes effluvios.
Tudo, tudo sorri : o céu sem nuvens,
Este céu do Brazil de azul tão lindo ;
As cristas dos rochedos inda humidas,
E as fontes que em cascatas se despenham,
Refletindo do sol a luz dourada ;
Collinas, prados, valles, e as florestas
Mostrando o altivo Ipé com flores de ouro ;
Laranjaes, flores, frutos, passarinhos ;
Tudo, tudo sorri, tudo annuncia
A formosa estação — A Primavera. —

A SAUDADE

Tanto se soffre na morte
Como na ausencia se sente :
Se a morte é ausencia eterna,
A ausencia é morte apparente.
(Extra.)

Era uma tarde de Março
Tão pura, serena e bella,
Que meu peito inda por ella
Saudoso sinto pulsar.

Já nas orlas do horizonte
Dourado o sol se escondia,
E os cumes da serra
Banhava de frouxa luz.

Por sobre arbustos floridos
Doce briza murmurando,
Vinha triste suspirando
Entre perfumes morrer.

Ao longe o canto saudoso
Do lavrador incessante
Repetia á cada instante :
« Ausencia amarga e cruel! »

Pelos echos repetidas
D'essa voz tristes se ouviam
As notas que se esvaiam
Na amplidão do céu azul.

Era uma tarde de Março
Tão pura, serena e bella,
Que meu peito inda por ella
Saudoso sinto pulsar.

Já nas orlas do horizonte
Dourado o sol se escondia,
E os cumes da serrania
Banhava de frouxa luz.

Nas margens de manso rio,
Que ameno prado regava,
A passos lentos andava,
Sem cuidar mesmo de mim.

Gemia a rôla pousada
No galho da goiabeira,
Da querida companheira
Chorando a ausencia talvez.

Chamou-me essa triste endecha
Ao mundo da realidade.
De minha terra a saudade
Feriu-me no coração.

Prostrei-me na verde relva
De acerba dor opprimido.
De envolta com um gemido
Meu pensamento voou.

Da Mantiqueira no cumc,
Onde se estendem campinas,
Em que vegetam boninas
E os mil primores de Abril ;

Onde as casinhas branqueiam
De uma cidade pequena.
Linda, heroica Barbacena,
Lá foi certo cahir.

Viu entre muitas donzellas,
Aquella que é meu cuidado :
Viu-lhe o porte delicado,
E o rosto de linda cor.

Entre os risos da innocencia
Dos labios viu-lhe a frescura
Dos finos dentes a alvura,
E o arfar do peito sentiu.

Viu-lhe enfim toda a belleza
Porque de amores definho ;
Voltou, achou-me sosinho
Vexado por magoa atroz.

Levanto os olhos pesados,
Opaca nuvem m'os cerra :
Não vejo o cujo da serra,
Nem no occaso a luz do sol.

Nem da rôla innocentinha
O gemer triste e saudoso,
Nem do agricola cuidadoso
O canto se ouvia alem.

Á serena e pura tarde
Negra noite succêdera,
Que sobre a terra estendêra
Seu tristonho escuro veu.

Vacillante á custo ergui-me ;
Buscando o tramite incerto,
Vaguei no valle deserto
Entre tormentos reaes.

Negros fantasmas se elevam,
Se abaixam, chegam, recuam,
Como as aguas que fluctuam
No mar fervendo em cachôes.

Finalmente assoma a aurora
Purpurea, bella e risonha,
E a triste noite medonha
Ao poente repelle audaz.

Não vi mais o serro altivo,
Nem verde prado viçoso;
Nem o rio preguiçoso
Murmurar de manso ouvi.

Matagaes invios, ignotos,
Então me acharam sorprezo,
Soffrendo da cruz o peso
De uma existencia infeliz.

Ah ! quanto póde a saudade !
É um morrer apparente
O tormento que se sente
Do amor na ausencia fatal.

SONETO

Não vês, minha Jovita, aquella rosa
Do matutino orvalho rociada
Tão fresca, tão gentil, tão perfumada,
Como entre a rama está toda ufanosa ?

Eis que lhe investe a calma sequiosa ;
Seu perfume e frescura é já roubada :
E curvando-se murcha e desbotada,
Ao vento cede a folha tão cheirosa.

Que resta agora mais de tal belleza ?!
Debil haste deserta, sêcca e dura :
Só, despojos mortaes da natureza.

Pois assim como a rosa, a formosura
Hão de os annos roubar-te e a gentileza,
Cedendo o corpo exangue á sepultura.

O ECHO DAS SERRAS

Inda ha pouco as estrellas scintilavam
N'este céu do Brazil tão puro e lindo !
Inda ha pouco estas varzeas matizadas
 De mil flores diversas
A mente inebriavam de perfumes !
Os bosques tinham vida, a vida amores ;
E o terno sabiá na erguida rama
Da formosa palmeira desprendia
 Seu canto harmonioso !
Tudo sorria ! A natureza toda
Do formoso Brazil arfava alegre !
Eis surge um furação de alem das praias,
Que revolve as areias do oceano,
Deixando ver os restos de um navio
Que vinha de quebrar se contra as rochas.
O horrisono clamor da tempestade
Que á terra compelliu Eolo horrífico,
 Desfez-se contra as serras ;
E o echo lamentoso aos fundos valles,
Nos troncos das palmeiras do deserto
 Desfallecendo repete :
 « Morreu Gonsalves Dias!! »

O céu toldou se ; o brilho seu perderam

As estrellas luzentes.

As flores sobre as hastes se curvaram,

Legando á terra o rocío que á seu seio.

O céu lhes prodigára.

O solo se juncou de folhas murchas ;

Os amores da vida americana

Se occultaram nos troncos deseccados

Das palmeiras ha pouco inda tão bellas ;

E o terno sabiá na rama pallida

Deixou em meio um canto começado.

Dezembro de 1864.

EU AMEI

Eu amei uma Donzella,
Ah ! tão bella,
Como a estrella em céu de anil !
Tão formosa e encantadora
Como a aurora,
Como a aurora em mez de Abril !

Seus bellos olhos tão vivos,
Expressivos,
Diziam sómente amor ;
A boca mimosa e breve...
Quem se atreve
A descrever-lhe o valor ? !

Era um anjo tão formoso,
Tão mimoso,
Que se não póde expressar !
Quem diria que a beldade
Crueldade
Assim podesse occultar ? !

Dediquei-lhe com brandura,
Com ternura,
Minh'alma, meu coração :
A recompensa foi certa !
Que me offerta ?
A mais dura ingratição !

Eu amei, e fui trahido,
Fui mentido,
Por esse Nume cruel,
Amor doçura eu julgava . . .
Onde estava ?!
Fui libar amargo fel !

Oh ! mais nunca amor toléro !
E só quero
Liberdade e paz gozar ;
Pois que amor traz disfarçados
Mil cuidados,
Desgosto, pranto e pezar.

NÃO SEI QUE SINTO

Quando no occaso um disco apenas mostra,
Lançando tibia luz o sol dourado,
Orlando as nuvens de purpurea cor,
Cobrindo de auri-verde o bosque, o prado,
 Não sei que sinto, mas a dor existe
 Saudosa e doce p'ra minh'alma triste.

Quando alta noite vagarosa surge
Lá no horizonte a lua descorada,
E á flux esparge amarellenta luz
Sobre a terra no somno sepultada,
 Não sei que sinto, mas a dor existe
 Saudosa e doce p'ra minh'alma triste.

Se em verde rama, ao ciciar da briza,
Modula o sabiá seu doce canto,
Saudando a aurora que surgindo vem,
A face rubicunda, e de ouro o manto,
 Não sei que sinto, mas a dor existe
 Saudosa e doce p'ra minh'alma triste.

Se o vento passa sacudindo a grenha
Da matta secular, de altivo tronco ;

E ao longe brada com sibilo audaz
No serro alcantilado, cavo e bronco,
 Não sei que sinto, mas a dor existe
 Saudosa e doce p'ra minh'alma triste.

Quando ouço o dobre do funereo bronze
Chamando ás orações o povo crente,
E que do céu vae na amplidão morrer
Pela briza levado o som tremente,
 Não sei que sinto, mas a dor existe
 Saudosa e doce p'ra minh'alma triste.

Será minh'alma sempre á dor sujeita,
Que chora as illusões de um tempo fausto? . . .
Oh ! não ! que a sorte que embalou meu ser,
O cofre do prazer mostrou-me exausto.
 E eu gemo e choro porque a dor existe
 Saudosa e doce p'ra minh'alma triste.

Chopotó 7brº de 1892.

MOTTE

PASSARINHO, PORQUE CANTAS?

GLOZA.

Longe dos vergeis florentes,
Na prizão, sem companhia,
Quem suggere a melodia
Nos teus cantos innocentes ?
As sós lembranças não sentes
Da gloria e ledices tantas,
Das doces horas tão santas
Que em liberdade fruias ?
Se o que soffres não soffrias,
Passarinho, porque cantas ?

O VALLE DO DESTERRO

Formoso Chopotó, volta teu curso,
Suspende o grato sussurrar das quedas
Que ao Rio-doce em turbilhões te levam ;
E vós, ó penhas, que medis os seculos
Co'a fronte negra a topetar co'as nuvens,
Dizei, que é feito de teus filhos caros ?
Onde os cantos selvagens, que acordavam
Os echos de teus bosques ?
Que é de tantas bellezas que encerraveis?..
Alem só vejo esvoaçando ao longe
O verde papagaio e a maitáca,
De cujas pennas, com esmerado alinho,
A formosa Tapuya se enfeitava.
A flexivel palmeira, o altivo cédro,
Em cujos troncos balouçava a rede
Do déstro caçador, na quente césta,
Já fatigado de correr os bosques
P'ra dar aos tenros filhos
Gostoza caça, e pennas de mil cores,
La 'staõ despídos da florente rama,
Desceccados e tristes !
De quando um quando geme soluçando

A terna jurity, e a rôla afflita,
Como quem chora n'uma ausencia eterna
O ente amado que lhe o ser floria.
Formoso Chopotó, altivas penhas,
Que é de tantas bellezas que encerraveis?
Dizeí, que é feito de teus filhos caros?...
E o rio vae a soluçar correndo,
Mil voltas dando na extensão do valle,
Rompendo as grútas que no giro encontra,
 Em busca de seus filhos !...
E as altas penhas sempre humedecidas
 Das gottas crystallinas,
 Que de ceu seio emanam,
Á essa bella terra que era d'elles
Sentido pranto de saudade envia.

A IGUALDADE

Se todo o homem procede
De um mesmo tronco — de Adão, —
Como póde um ser *fidalgo*,
E ser um outro *villão*?!

Ou foi Adão um *fidalgo*,
E todos tem *fidalgua*;
Ou então *plebeu* foi elle,
E brotou a *villania*.

Vós outros direis : Que um tronco,
Ao mesmo tempo que offrece
N'um galho um fruto pequeno,
Um grande n'outro apparece.

Recebeu este mais seiva,
Lugar propicio encontrou ;
Em quanto que aquelle, á sombra,
Sem sol, sem luz definhou.

Não deixam de ser irmãos,
— Pois do mesmo tronco vem, —
Embora tome este o vulto
Que aquelle outro não tem.

.....
.....

De Adão assim são os frutos :
Ao sol da prosperidade
Crescem uns, definham outros
A sombra da infelicidade.

São comtudo iguaes no sangue,
— Sangue *fidalgo*, ou *villão*; —
Pois todo o homem procede
De um mesmo tronco — de Adão. —

AMEI-TE

Mulher, amei-te, e tu bem sabes quanto !
Minha alma inteira se enlevava em ti.
Dei-te meus cantos ; consagrei-te a vida,
Que, como um sonho, se escoar eu vi.

O arfar do scio que a volupia accende;
Teu meigo olhar, desprezador sorrir,
Os ólos foram da prizão dourada
Em que gostoso me deixei cahir.

Mulher, amei-te co'um amor sublime,
Indefinivel, que rival não tem :
Não o entendeste ; e no delirio iusano,
Mulher, buscaste um outro amor além.

Pois vac-te, louca, que este amor tão grande,
Essencia pura que emanou do céu,
Tornou-se em gêlo, e resequiou no peito
Um coração que foi outr'ora teu.

Essa cadeia que accitei contente,
Em mil pedaços pelo chão rojou.

E d'esse tempo de illusôcs passado
Nem um só resto de impressão ficou.

Sou livre agora qual condôr altivo,
Que as nuvens rompe no seu vôo audaz ;
Não mais me prendem formosura, graças,
Mimos, affagos da mulher fallaz.

RECORDAÇÕES

Cuidava então viver n'um céu de rosas,
Isento dos espinhos roedores,
Do flagicio infernal do mundo ingrato,
Que pungem n'alma, que o peito ralam!
(EXTR.)

Felizes tempos, em que a florea quadra,
Que meus passados dias perfumava,
Adoçando-me a vida inda tão tenra
Da candida innocencia no regaço,
Vinde agora guiar meu pensamento,
Que voga incerto na amplidão sombria
De um pégo de tristeza, magoa e dores,
Qual pequeno baixel em noite escura,
Batido pelas vagas tormentosas,
Do precipicio á borda que o ameaça,
Quebrado o leme, os remos já perdidos,
Sem que a luz de um pharol lhe guie os passos,
E o conduza seguro á amigo porto!
Lembranças do passado tão florido,
Adoçai a aridez de mil tormentos,
Que, qual volção destruidor, esta alma
Com fogo perennal vae devorando!
Ternas saudades, vinde em meu soccorro!

Transportai-me ao torrão da patria minha ;
Guiai-me ao valle de frondentes arvores,
Onde os raios do sol jamais penetram ;
Onde o brando sussurro da corrente,
Que do pincaro desce e que se espalha
Por entre o crystal puro, e sahe gemendo,
Como se á clara fonte em que nascera
Dicesse o eterno adeus... Ahi deixai-me :
Quero ahi respirar o ar balsamico,
Que á vez primeira respirei na vida !
Ahi quero deixar murcha n'um tronco
De martyrio a capella, que o presente
Com impiedosa mão c'rôou-me a fronte !
Ahi quero casar os meus gemidos
C'o saudoso gemer da rola triste ;
Regar as sêccas folhas c'o meu pranto !....
Companheiras fieis, saudades, vamos.

Salve, patria querida, Deus te salve !
Formosos bosques, fontes crystalinas,
Eu vos saúdo. Ah! quantas vezes, quantas,
Sosinho alli sentado ao pé do tronco
D'aquel'e annoso cédro respeitavel,
Minhas redes armei á incauta pomba,
Esquecido de mim, do mundo ingrato !
Quantas outras alli d'aquelle couteiro,
Quando o sol poente o cume das montanhas
Com seus raios dourava, já esmaltando

Do rei do bosque a verdejante c'róa,
Já cobrindo co'a sombra d'altos pinaros
O fundo valle, ouvi n'aquella encosta,
Pela briza embalado em verde rama
O inspirado cantor saudando o dia
Com suaves gorgeios, que arroubavam-me !
Quantas vezes subindo aquelle serro,
Por incertas veredas tortuosas,
Da caça em busca, que prazer me dava,
Um leito brando ao corpo fatigado
Na raiz procurei d'aquella rocha,
Sobre o musgo` vivente que a alcatifa ?
E ao sussurro do vento, oh ! quantas vezes !
Que passava gemendo entre a ramagem,
E na rocha morrer ia, um suspiro
Legando á flor deserta, que sentida,
Curvava a fronte languida, cedendo
Do orvalho á terra a götta crystallina,
Como da virgem triste as tristes lagrimas,
Meus cantos entoei de dor despídos !
Ah ! quão feliz eu era ! E como a vida
Tão serena vogava em mar de rosas,
De gozo, de prazer, de flicidade,
Sem que viesse amor turbar-lhe a calma !
Forçoso foi deixar-te, amada patria ;
Pois que assim permittiu a sorte adversa.
No turbilhão entrei do mundo insano :
— Quatro lustros então contava apenas —

Nos seus prazeres envolvi-me ás cégas ;
Os mancebos busquei da minha idade,
Com quem alegres horas consumia.
E quando todo o occaso enrubecido
Mostrava ainda á meio o sol brilhante,
Dourando o monte, escurecendo o valle,
Eu buscava a soidão á mim tão grata.
As lembranças da patria, o bosque, as flores,
A fonte, o valle, o serro alcantilado,
O risonho viver que tive outr'ora,
Na minha mente então gravar-se vinham,
Arrancando-me de dor um pranto amargo,
Amargo e doce p'ra minha alma afflicta.

Volveu-se inteiro um anno de amarguras :
Sempre as mesmas lembranças, sempre as magoas
De encontro ao falso riso, que em meus labios,
Como um disfarce á dor pairava á custo.
Um dia emfim. — Oh! nunca antes viesse !
Mais doce me seria, e mais suave,
Tragar o fel da sorte entre as saudades
De meu passado d'oiro, mezes, annos,
E mesmo sec'los, se possivel fosse ! —
Um dia, em que submerso em meus cuidados,
Vagar deixava o pensamento incerto,
Veio um raio de luz sobresaltar-me,
Rasgar a densa nevoa que cobria
Minha alma triste ás afflições entregue !

Da estupenda mudança a causá busco :
Uma donzella . . . um anjo de belleza !
Vestida c'um roupão da cor de rosa ;
— Mais bello lhe tornava o rosto angelico,
Onde finas madeixas ondulando
Pela briza movidas docemente
Pareciam beijar de amor anciosas. —
Estava n'um jardim colhendo flores :
Tecendo uma coroa das mais lindas,
As outras desfolhando, que entregava
Á discrição da briza. A simples veste,
Que á meus olhos roubava tanto encanto,
Do zephyro cedendo ao brando impulso,
Deixava apparecer um pé mimoso
Pousado no tapiz de verde relva :
Era um todo encantador de graças cheio.
Bastou so vêl-o ; a tempestade immensa,
Que á cada passo abria a boca enorme,
P'ra de um jacto sorver meu bote fragil,
De repente sumiu-se á luz benigna
D'esse pharol que vinha em meu soccorro ,
De prazer misturei c'o pranto o riso ;
E as lembranças da patria, o bosque, as flores,
A fonte, o valle, o serro alcantilado,
Esvaiu-se-me tudo da memoria.
Cuidei então sómente de meu anjo :
Olhei-o ; elle sorriu-se ; amei-o, amou-me ;
Amou-me, sim, oh ! dor ! c'um peito infido,

C'um rosto d'anjo e coração de féra !
Nos labios o sorriso, e dentro d'alma
O veneno lethal trazia occulto.

Um anno de prazer, delicias magicas,
Gostoso desfrutei de amor nos braços.
Todo o meu pensamento, os meus carinhos,
Minha vida, minh'alma eram da ingrata,
Que bem cedo os calcou aos pés ferinos !
Um dia — era já tarde, e o sol mostrava
Um disco apenas no horizonte rubro —
Os meus passos dirige o amor falsario
Ao sitio aonde rege as leis ferozes.....
Desespéro infernal ! Oh ! dor eterna !
Quebrado um juramento, a lei sagrada,
Nos braços vejo de um rival esse anjo,
Com fórmãs de mulher monstro execravel,
Em ternura desfeito, em mil carinhos ! !...
O amor então, batendo as leves azas,
Ufano a palma levada victoria,
Deixando-me no fogo arder do inferno.
Que mais farei agora sobre a terra?!
O meu anjo perdi, perdi já tudo
Que me tinha no mundo ! Só me restam,
De meu passado agora as sós lembranças,
Lembranças que me arrastam pouco e pouco
Á estancia fria, onde a mudez impéra !
Ao menos lá terei descanso eterno !

Não mais lá sentirei da cruz o pêzo,
Que n'esta vida á custo inda supporto !
Nem mais lembranças do passado alegre...
Nem mais as magoas do presente umbroso...
Irão me a mente perturbar na campa !

JUSTIÇA DE DEUS

Dos annos no verdor formosa virgem,
Encantos de uma mãe terna e extremosa,
Socegada colhia o doce fruto
De uma vida innocente e descuidosa.

Juntou-lhe ao todo bello um modo affavel
A provida e esmerada natureza :
Singela timidez, pudor, candura...
Na castidade um anjo e na pureza.

Amor no peito seu não tinha achado
Senão para a mãe terna aberta entrada ;
Amal-a, ouvil-a, obedecer-lhe em tudo...
Eis de que sua mente era occupada.

Assim gozava a mais ditosa vida.
Mas ah ! quão curtos são gozos mundanos !
Quando tocamos do prazer no auge,
Decerra a sorte o vcu, nos mostra enganos !

Um dia a mãe a chama, e assim lhe falla :
Tempo é já, minha filha, de um consorte
Te dar, que doce vida te offereça ;
Que no mundo te dê amparo forte.

Um mancebo gentil, honrado e probo,
Pedi-me a tua mão de amor accêzo ;
A mãe te supprirá que já não póde
Dos annos sustentar o duro pêzo.

— Oh ! não, prezada mãe, responde a filha :
Separar-me de vós como é possível ?!
Onde acharei um peito igual ao vosso ;
Uma alma como a vossa tão sensível ?!

— No marido que o céu te ora concede,
— É prématurado estado á filha vossa !..
Não, minha mãe ! que eu viva do vosso lado,
E comvosco morrer contente eu possa !

— Attende, filha. Os annos já me pezam ;
E deixar-te no mundo sem tutela...
Sem amparo do gosto e escolha minha...
Eis o que mais o peito me flagella.

— Pois bem, ó mai presada, o esposo aceito :
O que farei contrario ao vosso gosto ? !...
Assim fallou, limpando á furto as lagrimas,
Que lhe saltavam pelo lindo rosto.

Marcou-se o do hymeneu dia festivo ;
E tudo com afan já se aprestava ;
Mas ah ! que de um rival o atroz ciume
A ruina da donzella maquinava !

« Se minha ser não podes, diz o monstro,
Nem d'aquelle que á mim tem preferencia.
Teu nome aos teus só servirá de opprobrio
Ennegrecido embora na apparencia. »

Assim foi. Só tres dias se passaram,
E se ausentára o esposo p'ra não vê-la,
Em odio convertido o amor que tinha ?
(Oh ! como a sorte os bons vigia e zela !)

Na familia se espalha a infausta nova.
E a noiva entregue á dor mais viva e forte,
De joelhos, ao céu levando os olhos,
Prrompe entre soluços d'está sorte :

Ó Deus, meu protector, Deus de clemencia!...
Ó sempiterno Pai, Deus de bondade!...
Os rogos attendei de quem supplica
A vossa compaixão e piedade !

Vós que védes no fundo de minh'alma...
Mostrai minha innocencia ao mundo ingrato.
Os erros perdoai de quem me offende...
Tirai-me d'esta vida ao cruel trato. »

E Deus ouviu-lhe a prece. Oh ! Deus é justo !
Morreu... morreu.... do sino a voz carpia :
Morreu... morreu.... Oh ! não, subiu ao céu;
Ficar na terra um anjo não devia.

Chopotó, Setembrº de 1861.

RECORDAÇÕES DA INFANCIA

Quão fugazes que foram aureos dias
De minha tenra infancia !
Quão depressa escoou-se o doce calis
D'essa idade feliz que então gozava !
D'essa idade em que o homem nada pensa ;
Nem passado ou presente, nem futuro
A mente lhe perturba !
Ah ! mundo enganador, terrível pélagos,
Theatro de afflições, de mil desgostos
Á pobre humanidade !
Rasgaste emfim o veu que me obumbrava,
E uma nova existencia, me outorgaste,
Uma existencia, sim, de mil tormentos.
Que eu não quizera tel- !
Conceição, Conceição, meu natal berço,
Recebe inda uma vez do filho grato
As expressões do amor que te consagra ;
E os de tuas florestas no recinto
Habitantes alados
Seus suspiros escutem.

Ah ! quanto fui feliz na minha infancia,
Debaixo de teu sol, o terra minha !

Quantas vezes á sombra de teus bosques
Procurando um frescôr á quente césta,
Ou fatigado de infantis brinquedos,
Sobre a sêcca folhagem recostado,
Da candida innocencia no regaço,
Tranquillo somno desfrutava outr'ora !
Quantas outras no prado atraz correndo
Dos tenros cordeirinhos, que saltavam
Em tórno do rebanho sobre a relva,

Gastava inteiro um dia,

Sem lembrar-me que uns braços caridosos
De um terno bemfeitor de um pai segundo
Cuidosos me aguardavam ! Tudo foi-se ! !
Minha infancia, innocencia... perdi tudo !
Só me resta o chorar esses thesouros ;
Lembrança triste d'elle só me resta,
Inseparavel socia de meus males,
Que n'este pégo luclará comigo,
Até dizer a voz do Eterno : basta !

Mas ah ! quanto me custa

Da vida atravessar o curto espaço !
Não são meus males sós que me acabrunham ;
Dóe-me mais inda ver alheios males :
Aqui chora a viuva o morto esposo
De seus tenros filhinhos rodeada,
Sem ter quem lh'os aqueça, quem lhe atire
Um pedaço de pão com que os sustente !
Alli calcando a rua um rico passa

Em soberbo cavallo que relincha ;
Lança de esguelha seu olhar medonho
Sobre o quadro afflitivo,

Agita as redeas do corsel, que avança,
Deitando a lama das ferradas patas,
Salpicando a miseria, que onzeneiro
Causou endurecido !

Aqui tece a calumnia um falso amigo ;
Alli derrama da viperea lingua
O veneno lethal, manchando impune
Honrado cidadão, matrona honrada,
O detractor infame.

Da castidade á par e da virtude
Com formas de mulher passeia um monstro,
Que inda ha pouco deixou nodoa indelevel
No centro de seu lar ; e vive, e passa,
Nos labios o sorriso : a mente adúltera,
Sob a apparencia da candura e brio
Lhe borbulha no cerebro.

Quantas vezes não geme a san virtude
Calcada pelo vicio,

Sem que uma voz amiga se levante,
Só porque lhe negou a sorte varia
Um punhadinho de ouro ?!

Se mais cogito, ó mundo, mais descobres,
Calumnia, intriga, inveja, usura e odio,
Hediondos vicios... disfarçados sempre...
D'aqui, d'alli... por toda a parte os mesmos !

**Ditosos dias que gozei na infancia,
Nunca mais voltareis ! Mas tu, meu berço,
Formosa Conceição, sempre em minh'alma
Tua imagem terás em quanto eu viva.**

MOTTE

A MORTAL MELANCOLIA.

GLOZA.

Já de amor provei doçura ;
Fui feliz na vida um dia !
Agora só tenho n'alma
A mortal melancolia.

Um só momento de gôzo,
De prazer, dôce alegria,
E soffrer eternamente
A mortal melancolia?!...

Amando na terra um anjo,
Um anjo todo magia,
Nunca pensei que fruisse
A mortal melancolia !

Meu coração inexperto
O futuro não previa ;
Para que fui condemnado
A mortal melancolia ?

É meu fado o sofrimento!
Soffrerei até que fria
Junto á mim na terra durma
A mortal melancolia.

LE JUIF ERRANT

DE BÉRANGER.

Chrétien, au voyageur souffrant
Tends un verre d'eau sur ta porte !
Je suis, je suis le Juif-Errant,
Qu'un tourbillon toujours emporte,
Sans vieillir, accablé de jours,
La fin du monde est mon seul rêve.
Chaque soir j'espère toujours ;
Mais toujours le soleil se lève.
Toujours, toujours,
Tourne la terre où moi je cours,
Toujours, toujours, toujours, toujours.

Depuis dix-huit siècles, hélas !
Sur la cendre grecque ou romaine,
Sur les débris de mille états,
L'affreux tourbillon me promène.
J'ai vu sans fruit germer le bien,
Vu des calamités fécondes,
Et, pour suivre le monde ancien,
Des flots j'ai vu sortir deux mondes...

O JUDEU ERRANTE

Ao viajor que padece
Ó Christão a sede mata !
Eu sou o Judeu Errante
Que um turbilhão arrebatá.
Moço de annos carregado,
Peço o fim de meu soffrer :
Cada noite espero sempre,
Mas sempre o sol á nascer !
Sempre, sempre,
Gira a terra onde eu caminho,
Sempre, sempre, sempre, sempre.

Romuleas, atticas cinzas,
Destroços de mil estados,
Pelo tufão impellido,
Têm sido por mim pisados.
Hei visto males fecundos,
E o bem sem fruto medrar ;
E o antigo mundo seguindo,
Dois mundos sahir do mar . . .

Toujours, toujours,
Tourne la terre où moi je cours,
Toujours, toujours, toujours, toujours.

Dieu m'a changé pour me punir ;
A tout ce qui meurt je m'attache ;
Mais, du toit prêt à me bénir,
Le tourbillon soudain m'arrache.
Plus d'un pauvre vient implorer
Le denier que je puis répandre,
Qui n'a pas le temps de serrer
La main qu'en passant j'aime à tendre...

Toujours, toujours,
Tourne la terre où moi je cours,
Toujours, toujours, toujours, toujours.

Seul, au pied d'arbustes en fleurs,
Sur le gazon, au bord de l'onde,
Si je repose mes douleurs,
J'entends le tourbillon qui gronde.
Eh ! qu'importe au ciel irrité
Cet instant passé sous l'ombrage ?
Faut-il moins que l'éternité
Pour délasser d'un tel voyage !...

Toujours, toujours,
Tourne la terre où moi je cours,
Toujours, toujours, toujours, toujours.

Sempre, sempre,
Gira a terra onde eu caminho,
Sempre, sempre, sempre, sempre.

Deus mudou-me p'ra punir-me :
Aos perigos me aventuro ;
E o tufão veloz me arranca
Do momento mais seguro.
Mais de um pobre que me pede
O pouco que posso dar,
A mão, que ao passar lhe estendo,
Tempo não tem de apertar.

Sempre, sempre,
Gira a terra onde eu caminho,
Sempre, sempre, sempre, sempre.

Se minhas dores descanço
Junto aos arbutos floridos,
Sobre a relva, á beira d'agua,
Do tufão ouço os bramidos.
Ah ! que importa ao céu irado
Um momento á sombra o estar ?
Precizo é menos que um evo
Para o descanço chegar ! . . .

Sempre, sempre,
Gira a terra onde eu caminho,
Sempre, sempre, sempre, sempre.

Que des enfants vifs et joyeux,
Des miens me retrace l'image,
Si j'en veux repaître mes yeux.
Le tourbillon souffle avec rage.
Vieillards, osez-vous à tout prix
Envier ma longue carrière ?
Ces enfants à qui je souris,
Mon pied balaira leur poussière...
Toujours, toujours,
Tourne la terre où moi je cours,
Toujours, toujours, toujours, toujours.

Des murs où je suis né jadis,
Retrouvé-je encor quelque trace ;
Pour m'arrêter je me raidis ;
Mais le tourbillon me dit : Passe !
Passe ! Et la voix me crie aussi :
Reste debout quand tout succombe !
Tes aïeux ne t'ont point ici
Gardé de place dans leur tombe.
Toujours, toujours,
Tourne la terre où moi je cours,
Toujours, toujours, toujours, toujours.

J'outrageai d'un rire inhumain
L'Homme-Dieu respirant à peine...
Mais, sous mes pieds fuit le chemin ;
Adieu, le tourbillon m'entraîne,

Quantos menínos risonhos
Dos meus trazem-me a lembrança !
Se quero illudir meus olhos,
Do tufão sinto a pujança.
Ousais vós ainda, ó velhos,
Invejar meu longo ser ?
D'estes meninos alegres
Hei de a cinza inda varrer.
 Sempre, sempre,
Gira a terra onde eu caminho,
Sempre, sempre, sempre, sempre,

Torno á ver inda algum traço
Da casa que já foi minha ;
Para ahi ficar me esfôrço
E uma voz me diz : « Caminha !
 Em quanto tudo succumbe
« Has de tu sempre ficar !
« Teus avós não te guardaram
« Em sua campá um lugar.
 Sempre, sempre,
Gira a terra onde eu caminho,
Sempre, sempre, sempre, sempre.

Ultragei com riso féro
O Homem-Deus fatigado.....
Mas sinto fugir-me a terra ;
Pelo tufão sou levado.

Vous qui manquez de charité,
Tremblez à mon supplice étrange.
Ce n'est point sa divinité,
C'est l'humanité que Dieu venge.

Toujours, toujours,
Tourne la terre où moi je cours,
Toujours, toujours, toujours, toujours.

**E vós, que sois deshumanos,
Tremei de um supplicio assim.
Deus não vinga a divindade,
Vinga a humanidade em mim.**

**Sempre, sempre,
Gira a terra onde eu caminho,
Sempre, sempre, sempre, sempre.**

O VOLUNTARIO DA PATRIA

O sol é no zenith; a calma ardente
Sobre o pó das estradas,
Como se um fogo subterraneo, activo
Ahi lavrasse, e a chamma destruidora
Se esforçasse a expellir da occulta forja,
Incessante tremola.
Deserto é tudo. Os lindos passarinhos
Que os campos alegravam,
Vergando do alecrim a verde rama,
Da gabiróba o galho florecido,
Occultaram se á sombra das capoeiras,
Ao longe apenas c'um gemer queixoso,
Compassado, monotono,
Desperta a jurity do ermo a calada;
E de entre as montas a fugaz locusta
D'aqui, d'alli saltando, um trilo agudo,
Prolongado, despede
Do rapido agitar das seccas azas.
Já não repetem da montanha os echos
A voz saudosa do tropeiro assiduo ;
Attesta apenas nos confusos rastos
A poeira do caminho agora quêda,
Quê a vida, o movimento ahi passaram.

Deserto é tudo... mas um vulto ao longe,
Onde a estrada se encurva assoma agora.
Arrimado á um bordão, curvado ao peso
De grossa trouxa que lhe prende os hombros
Mal póde caminhar. Já se aproxima.
Na frente o sello de um soffrer cruento ;
A tez queimada pelo sol do estio ;
Grisalha a barba pelo pó da estrada,
Dizer parecem que cem vezes vira
Entrar o sol no Aquario.

Cobre-lhe o corpo a bluzo do soldado ;
Será da patria um defensor valente
Que ao seio da familia alegre volta ?.....

Ou simples viageiro,
Que passa indifferente á tudo e á todos ?
Será... Mas eil-o que alquebrado, oppresso,
Cahir se deixa á beira do caminho.
Trançada creciuma lhe prodiga
Fresco repouso ás já perdidas forças.

Elle falla... escutemos.
A voz entrecortada á custo escapa
De seu peito arquejante :

« Quantas vezes assim de força exausto
Á sombra me atirei da algarobilla
Nos campos paraguayos,
Depois de atroz combate!
Então era robusto, e tinha a patria

Por barbaros inimigos ultrajada,
Á quem jurei servir ! Refeita a força,
Chamava-me o clarim á novas lides.
No mais renhido das sangrentas lutas
Lavei a espada em sangue fumegante.
Que o diga Tuyuty, que o digão Lomas,
Famoso Itororó, onde morreram
Tão bravos companheiros.
Da patria tinha o amor ; doce esperança
De voltar glorioso
Ao centro de meu lar, beijar a esposa,
E meus dois filhos que deixei pequenos !
Agora aqui descanso
De longo caminhar, para mais tarde
Pisar de novo a terra que me escalda.

« Glorioso voltei, oh ! sim ! que o braço,
Que a espada manejou, ficou no campo.
E minha doce esperança?
Cheguei á porta de meu pobre albergue :
Silencio aterrador morava n'elle !
Bati... bati... chamei... só me responde
A minha mesma voz que me amedronta.
Notei então que gramma trepadeira
Já por sobre o poial se emaranhára.
Horriavel pensamento me arrebatou,
Sem rumo saio, desvairada a mente...
O que fiz não sei eu : só me recordo

De ouvir de voz extranha :
Essa mulher morreu... prostituida,
E seus filhos tambem de fome e frio.
Assim, oh! patria! os sacrificios duros,
Que os defensores teus por ti fizcram,
Generosa agradece!
Assim os galardoas pelos feitos,
Que, para defender-te praticaram !
Sem pão que me sustente ora caminho,
Até que uma alma piedosa encontre
Que uma esmola me dê. No entanto eu vejo
Rodando em ricos coches,
O ocioso estadista
Dos suores do povo locupleto,
Insaciavel sempre !
Ricos theatros, subvenções do estado
Para cantores que de alem nos mandam...,
Pois bem! Na historia encontrarei vingança.
Agradecida a geração vindoura
Pelo que nos fizeste,
E quando em novas lutas te empenhares,
Dirá, voltando o rosto ao teu reclamo :
Soffre agora a vergonha, soffre o insulto
Que te lança o inimigo. O triste exemplo
Dos bravos que á miseria succumbiram,
Recompensa dos feitos esforçados
Que os levaram, através de mil perigos
Da Assumpção ás ameias,

De Caguazú ao dorso inacessível,
Tem chegado até nós. Por tanto, sofre,
Soffre agora a vergonha, soffre o insulto
Que te lança o inimigo. »

Assim fallou. E seu bordão tomando,
Agitado levanta-se ;
Limpa o suor do rosto amorenado,
E de novo caminha.
E caminha. Onde irá ? Que mão amiga
Um pedaço de pão lhe dará hoje ?
Que tecto o acolherá quando no occaso
For o sol esconder-se ?
Ninguém, nem elle o sabe.

Novembro de 1869.

A PRIMEIRA ERUPÇÃO DO VESUVIO

Sopra o sirocco, e as jônicas areias
Fervendo á tona das revoltas aguas
Nunca vistos cetaceos patenteiam.
Torna-se o liso transparente plaino,
Onde o céu mais formoso se estampava,
Horrendas catadupas espumosas.
Com spantoso fragor a terra treme ;
Troncos ruem, pesadas pedras rolam.
Tudo o que vive aos encontrões fugindo,
Confusos, loucos de pavor, nem sabem
Onde um refugio deparar que os livre
Da total eversão que os ameaça.
Eis de repente o cume da montanha,
Que Vesuvio se chama, se esborôa,
E em profunda voragem se converte.
Da medonha cratera ás nuvens rompem
Linguas de fogo que escapando estouram
Dos negros turbilhões do espesso fumo
Que eram represos nos sulfureos antros,
E em torvelinhos se arremessam rapidos
Ao céu, cobrindo-o de caligem densa,

De fundidos metaes grossa torrente
O campo alaga encandecendo tudo.
Herculano, Pompeia e Estabia tremem
Ás plantas do gigante que vomita
Das entranhas de fogo a ardente lava.
Os ricos paços, templos magestosos
Já nas solidas bases mal se firmam.

Redobra a confusão, recresce o fremito
Do mar que eleva-se em scarcéos medonhos,
Do gigante que, em ancias tresdobradas,
Sacode o ventre abarrotado ha seculos.
O céu á mais se obumbra, e as trevas cobrem
A terra e o mar. Quadro espantoso ! aos olhos,
Chammas fugazes sobre um chaos horrendo;
Aos ouvidos a voz horripilante
Do genio destruidor que, n'um remesso
Do barathro profundo vem lançar-se
Por sobre a confusão que mais se augmenta.

.....
.....

Á seu antigo estado a natureza
Volveu-se. As aguas já tranquillias
Na lisa superficie o céu retrata
Serenos, azul, com brancas tenues nuvens.
Os fertes valles, os floridos campos
D'aquí os mesmos são ; d'alli... mas onde
De Pompeia, Herculano e Estabia os templos?!

Onde os palacios de subido preço,
Que ás velhas gerações custaram annos?
Sulcada em confusão a estancia toda,
E um solo calcinado eis o que vê-se.
Nem vestigio que mostre ás gentes novas
Que ahi já tres Cidades floreceram.

Maio de 1870.

DIALOGOS ENTRE DOIS PRETOS

JOSÉ DA CIDADE E JOÃO DA BÓÇA.

José. — Cumo vae, minha parente ?

Tanto tempo tá sumiro...

Disqueçô di nosso cá ?

João. — Quá, pracêro ! é suruviço :

Macaco cahiu nuróça,

Non pôde vae vadiá.

José. — Os gente turo tá boa,

Pae Zuzé, cumade Cica,

Minha afiado Zoaquim ?

João. — Zêre vae viva-virano.

José. — E zente lá do sobráro ?

João. — Pracêro non fára assim.

Sinhô za virô miôro

Zunto cu zi flo d'êre

Prêsse côsa di leção.

Nota turo vae simbora

Pla complô zente qui vota

Cu ciapa di capitão.

José. — Yô pensô qui lá nuróça

Zêre non tinha baruio...

João. — Cala a boca, pae Zuzé!

Zi cascuero tá zangáro.

Mereréca tarondano

Pra zêre turo vencê.

Zi moço, di aqui... ladino !

Vae mette medo zi povo

Cu guéra di Piranguai.

Zêre disse : ziguinado

Qui votá nu ciapa nosso

Non ten medo, póde vae.

José. — E macóta di cimango

Qui qui faz lá nu su téra ?

João. — O zêve també zangô.

Turo dua é mêma còsa :

Cascuro farô mintira,

Cimango també farô.

José. — Mia parente, esse é vedade ;

Turo rêze vira-vira,

Quano qué mêmo ganhá.

Mai quá ! Cimango tá fôte

Aqui num Barabacena :

Cascuro foi mêmo-puá !

João. — Ah ! turo non vare nada !
Zêre tá turo trigáro,
E zôtro grane tá hi !
Etá qui ganha piqueno
Quano qué fazê cicada
Pra diputáro subi.

Sia moço qui vae nu zury,
Foi conta zirimon d'êre,
Quis dotó qué la brigá
Pru móde, dize, prurítica.
Zin dua sahiu du sára,
Zi moço turo foi lá.

José. — É si mêmo, mia pracêro :
Zêre turo táre ponta...
Briga mêmo, hòze, manhen...
Eh ! sucuta, mia parente..
Uêto hora nu cadeia...
Zoaquim Phiripe za ven.

João. — Quenda cá, Zuré, prumêro ;
Ven matá biço nu venda
Ante nosso recoiê.
É manhen diarimissa,
Dumingo, fuéssa dirámo,
Teu tempo di nosso vê.

INDICE

Ao leitor	5
À poesia	7
À uma menina.....	9
Etincelles de Adrien Roux (Traducção)	12
Devaneio	16
Vem	19
Acrostico.....	21
Ès de Venus a rival.....	22
O sonho	23
Um adeus	27
Em uma carta ao Snr Luiz Maria Vidal Junior na Serra do Caraça	28
Quanto é mais doce morrer !.....	30
Um conselho	31
Ao soberbo.....	33
De que serve ser tão bella.....	35
Lyra	36
Ao auctor de uma lyra dedicada á uma Barba- cenense	38

És taõ formosa e tão bella.....	40
Traduzido de Burgain.....	42
Le séjour des champs... (Traducção).....	43
A voz da natureza	45
A morte de D. Marcolina A. A.....	47
A primavera.....	50
A saudade.....	52
Soneto.....	57
O echo das serras	58
Eu amei.....	60
Não sei que sinto.....	62
Passarinho, porque cantas ?.....	64
O valle do Desterro	65
A igualdade.....	67
Amei-te.....	69
Recordações.....	71
Justiça de Deus	78
Recordações da infancia.....	82
A mortal melancolia	86
O Judeu Errante (Traducção).....	88
O voluntario da Patria.....	96
A primeira erupção do Vesuvio.....	101
Dialogo entre dois pretos.....	104

500

EXTRACTO DO CATALOGO DA MESMA LIVRARIA

BITTENCOURT SAMPAIO (F. L.) Flores sylvestres : poesias, 1860, em 18 jésus.

BRASILIA BIBLIOTHECA nacional dos melhores autores nacionaes antigos e modernos, em 18 jésus.

Sahiram à luz as seguintes obras :

ALVARENGA PEIXOTO (Ignacio José de) Obras poeticas colligidas, annotadas e precedidas com uma noticia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de Souza S. 1865. 1 vol. gr. em 18 jésus.

GONZAGA (Thomas Antonio) Marilia de Dirceu, lyras acompanhadas de documentos historicos por J. Norberto de Souza S. *Ornada de uma estampa.* 1862, 2 vol. gr. em 18 jesus.

SILVA ALVARENGA (Manoel Ignacio da) Obras poeticas colligidas e annotadas por J. Norberto de Souza S. 1864, 2 vol. gr. em 18 jesus.

GUIMARÃES (*B. J. da Silva*) Poesias, 1865, 1 vol. em 8.

MACHADO DE ASSIS. Chrysalidas, poesias. Com um prefacio do D^r Caetano Filgueiras. 1864, gr. em 18 jesus.

MAGALHÃES (D. J. G. de) Urania. 1852, 1 vol. gr. em 18 jesus.

Obras completas. 1864-65. 7 vol. em 8 com o retrato do autor.

Cada volume vende-se avulso :

Tomo I. Poesias avulsas.

- II. Suspiros poeticos e Saudades. 3^a edição.
- III. Tragedias (*Antonio José, Olgia e Olhelo.*)
- IV. Urania. 2^a edição.
- V. A Confederação dos Tamoyos, poema. 2^a edição, revista, correcta, e accresentada pelo autor.
- VI. Canticos funebres.
- VII. Factos do espirito humano, philosophia. 2^a edição.

As mesmas obras. 1864-65, 7 vol. gr. em 18 jesus.

MANUEL DE ARAOJO PORTO-ALEGRE. Colombo, poema 2 vol. pequeno em-8 jesus, 1863.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).